

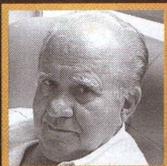
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

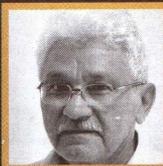


A mudança para a nova capital, para muitos, significou desenvolvimento pessoal e profissional. Até mesmo quem não acreditava na consolidação da cidade ou veio para o Planalto com o objetivo de passar um tempo, juntar dinheiro e voltar para a terra natal acabou ficando e ajudando na realização do sonho de JK. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, semanalmente conhecemos um pouco da vida dos que aqui chegaram até 1963.

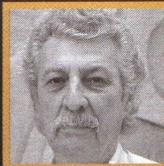
Fábio
Teixeira Alves



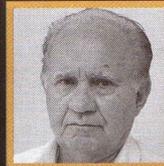
Francisco
Pereira Lima



Glenio
Bianchetti



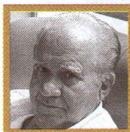
Hernani H.
Fittipaldi



José Alberto
Couto Maciel



PIONEIROS



Fábio Teixeira Alves

Empreendedorismo e preocupação social

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Se perguntassem, em 1958, a Fábio Teixeira Alves como seria sua história no Distrito Federal, certamente o relato não chegaria nem perto da verdade. Hoje, aos 71 anos de idade, o mineiro de Eugenópolis orgulha-se de ter superado todas as barreiras impostas pelo destino depois que decidiu participar da construção da nova capital.

Funcionário do Banco Nacional, no Rio de Janeiro, soube que uma nova agência seria aberta na futura capital federal. Os boatos sobre a cidade eram péssimos: "Alguns chegavam ao extremo de dizer que o transporte aqui era feito em cipós", diverte-se.

Naquela época, março de 1958, Alves confessa que ainda não acreditava muito na consolidação do projeto de Juscelino Kubitschek. Mas as vantagens oferecidas para quem aceitasse a empreitada eram grandes: moradia gratuita e salário em dobro. Esperando obter recursos para casar-se com Prícila Caixeiro, não pensou duas vezes em tornar-se o primeiro caixa do Banco Nacional em Brasília.

Na chegada, um jipe do banco esperava no aeroporto por Fábio e dois colegas que ocupariam os cargos de gerente e contador. No caminho para a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), o mineiro re-

Arquivo pessoal



FÁBIO E A ESPOSA NA IGREJA METODISTA DO NÚCLEO BANDEIRANTE EM ABRIL DE 1961

corda-se que uma trilha no Cercado passava no local onde hoje está o Jardim Zoológico.

A Cidade Livre parecia um fa-roeste com homens de botas e calças jeans, barracões de madeira e aventureiros de todos os locais do país circulando pelas ruas de terra. A moradia dos três funcionários oferecia o conforto mínimo e ficava na mesma construção do banco, de um lado funcionava a agência e do outro o alojamento.

O principal movimento no banco, que já começava a funcionar no dia seguinte à chegada de Fábio e os dois colegas, era o de pagamento dos trabalhadores das construções de Brasília. Para evitar os tumultos, as construtoras se alternavam em deixar os candangos nas

portas dos únicos três bancos abertos na Cidade Livre: Nacional, da Lavoura e do Brasil.

A compensação dos cheques dos outros bancos era feita de maneira simples e com segurança mínima, pois os assaltos eram raros. "Quando recebia cheques do Banco do Brasil, por exemplo, atravessava a rua, trocava na agência e voltava com uma mala de dinheiro na mão", conta.

A vida no alojamento do Banco Nacional era tranquila. As horas de lazer às vezes eram passadas em Goiânia, a dois dias de viagem por uma estrada de terra, ou Luziânia, onde já havia cinema, bares etc. Mas a permanência no barracão de madeira foi curta. Em agosto, quatro meses após a mudança para o Planalto Central, um incêndio destruiu a

agência bancária e o alojamento, com todos os pertences de Fábio e os outros funcionários. Apenas o cofre do banco, de alvenaria, resistiu às chamas.

Nos seis meses seguintes, a nova moradia do mineiro passou a ser um quarto no Hotel Burity. "Quando estava lá, avistei outro incêndio na cidade, próximo ao hotel", conta. "Os incêndios na Cidade Livre eram tão comuns que as pessoas aprenderam a isolar o fogo destruindo as construções de madeira mais próximas para impedir desastres maiores", completa.

Fábio trabalhou por um ano no Banco Nacional em Brasília e foi convidado a entrar na iniciativa privada por dois clientes, Hélio Bruno e Manoel Côrtes (ambos falecidos). O tamanho redu-

zido da população local na época aproximava as pessoas, fazendo com que as relações de trabalho se transformassem em relações de amizade com facilidade.

A intenção dos dois era vender revestimentos de paredes da Italit. A ideia parecia ótima, já que o ritmo estabelecido por JK para a inauguração das obras criava terreno para qualquer negócio que agilizasse o término das construções.

A empresa Pilbrás foi instalada em um terreno no Setor de Indústrias e Abastecimento e, segundo o pioneiro, foi a primeira construção do local, em 1959. Serviço não faltava, pois todos os ministérios e superquadras da Asa Sul estavam em construção e tinham até o dia 21 de abril de 1960 para ser concluídos.

Quando algum fato reduzia o prazo de algumas obras, Fábio e os sócios comemoravam. "Lembro-me que, na visita de Eisenhower a Brasília, JK queria que as fachadas dos blocos que ficavam em frente ao Eixão estivessem prontas", revela. "O serviço na Pilbrás triplicou", completa.

A demanda pelos revestimentos Italit era tamanha que a empresa era obrigada a funcionar 24 horas ininterruptas. Duas turmas, de 80 empregados cada, trabalhavam em turnos alternados para dar conta das encomendas. E tudo o que era produzido era vendido logo em seguida.

PIONEIROS

O pioneiro chegou a Brasília em 1959 para trabalhar no Banco Nacional. Depois de algum tempo, ao lado da mulher, trabalhou com programas de assistência social

FÁBIO COM A ESPOSA, FILHA E NETOS EM COMEMORAÇÃO FAMILIAR



Um mês antes de montar a empresa, Fábio já havia se casado com Prícila, em Juiz de Fora (MG). Os dois moraram por um mês no Hotel Buriti e mudaram-se para o terreno onde estava a Pilbrás, no SIA. "Eu e meus sócios construímos nossas casas ali mesmo, para ficar sempre perto dos trabalhos da empresa e economizar nos gastos com moradia", justifica.

Alfabetização

Na Pilbrás, Prícila deu início ao seu primeiro trabalho social na Capital Federal. Antes de mudar-se para Brasília, a mineira trabalhava em um orfanato no Rio de Janeiro, onde viviam 290 crianças. Para não ficar ociosa no Planalto Central, resolveu dar início a um trabalho de alfabetização dos funcionários da empresa do marido.

A vida de Fábio e Prícila parecia se equilibrar até que, em setembro de 1960, um grande incêndio devastou o Núcleo Bandeirante. Amantes da cidade, o pioneiro, os sócios e a esposa dirigiram-se imediatamente para lá, de madrugada, assim que souberam da notícia. Cerca de 200 casas haviam sido destruídas. Na volta, mais uma surpresa. A sede da Pilbrás e as três casas, misteriosamente, também haviam incendiado. O casal teria que recomeçar do zero. Fábio e os sócios construíram suas casas novamente, no mesmo lugar, desta vez com menor número de cômodos.

Com a entrada de Jânio Quadros na Presidência da República, em 1962, a Pilbrás, assim como várias outras empresas do ramo de construção, entrou em crise profunda. Muitas construções foram paralisadas e os boatos diziam que Qua-

dros era a favor do retorno da capital para o Rio de Janeiro. "Muita gente quebrou", revela.

Naquele ano, o casal decidiu mudar-se para o Gama. Os imóveis em Taguatinga, cidade que já tinha boa infra-estrutura na época, eram caros. O Gama, por sua vez, tinha fama ruim entre a população de Brasília, fazendo com que os preços dali fossem menores. "Diziam que o Gama fora criado para substituir o Núcleo Bandeirante, daí a antipatia de todos com o lugar", conta. "Lembro-me de uma manchete de jornal que mostrava a foto de um cachorro morto com uma placa dizendo: 'Morro, mas não vou para o Gama'", conclui. A primeira e única filha do casal, Sandra, nasceu nesta época, no Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO), no Núcleo Bandeirante.

Três anos após viverem no Gama, Prícila incentivou o marido a mudarem-se para Taguatinga, a convite do Lar da Criança de Brasília, instituição que cuidava de 21 crianças órfãs. "Tomávamos conta das crianças e morávamos ali mesmo", diz Fábio. "Minha filha, pelo convívio com as outras

crianças, me chamava de tio Fábio", recorda-se.

Os trabalhos de alfabetização na Pilbrás continuaram até 1964, quando Fábio e os sócios decidiram separar-se. Em 1965, envolvidos com os trabalhos de assistência social, Prícila e Fábio tomaram conhecimento da invasão do IAPI, uma das maiores que o DF já teve. Próxima ao Núcleo Bandeirante, a invasão contava com mais de 32 mil barracos e as necessidades eram várias.

O curso de alfabetização passou então a ser ministrado em um barraco na invasão, que funcionava como Centro Comunitário. Até 1972, quando foi aberta a Campanha para Erradicação de Invasões (CEI), Prícila e o pioneiro tiveram 935 alunos.

Durante a CEI, que cuidou da mudança dos moradores da invasão para a área onde hoje está a Ceilândia, o casal Alves ajudava os assistentes sociais com o suporte às famílias. "Dávamos apoio e comida entre a destruição do barraco na invasão e a sua reconstrução na Ceilândia", conta o mineiro. "A criação da Ceilândia foi muito organizada,

não é à toa que hoje a população dali é uma das mais politizadas do DF", opina.

Centro Comunitário

Terminada a mudança, os dois ganharam um lote para se instalar na nova cidade, onde inauguraram o Centro Comunitário São Lucas (Cecosal). Hoje, a entidade, que permanece no mesmo local, atende 290 crianças de três a sete anos. Com ajuda do governo local e de doações, fornece quatro refeições diárias e mantém um quadro de funcionários com professores, monitores, psicólogo, médico, dentista e assistentes sociais.

Além do trabalho social que lhe mostrou um novo caminho na nova capital, em 1965, Fábio foi aprovado em concurso público para o cargo de auditor fiscal do Tesouro do Governo do Distrito Federal. No mesmo ano, voltou a estudar, frequentando a Faculdade de Serviço Social por dois anos e depois formando na primeira turma de Direito da AEUDE.

Este ano, o pioneiro foi eleito presidente do Conselho de Assistência Social do Distrito Federal.

“LEMBRO-ME QUE, NA VISITA DE EISENHOWER A BRASÍLIA, JK QUERIA QUE AS FACHADAS DOS BLOCOS QUE FICAVAM EM FRENTE AO EIXÃO ESTIVESSEM PRONTAS. O SERVIÇO NA PILBRÁS TRIPLICOU”

Raio X

Nome:
Fábio Teixeira Alves
Idade:
71 anos
Ano de chegada a Brasília:
1958
Profissão:
Funcionário público aposentado
Origem:
Eugenópolis, Minas Gerais
Esposa:
Prícila Caixeiro Alves
Filha:
Sandra
Netos:
Cedric e Thaís



Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivacetti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



Francisco Pereira Lima

Em Brasília, a oportunidade de mudar de vida

Arquivo Público

STELA MÁRIS ZICA

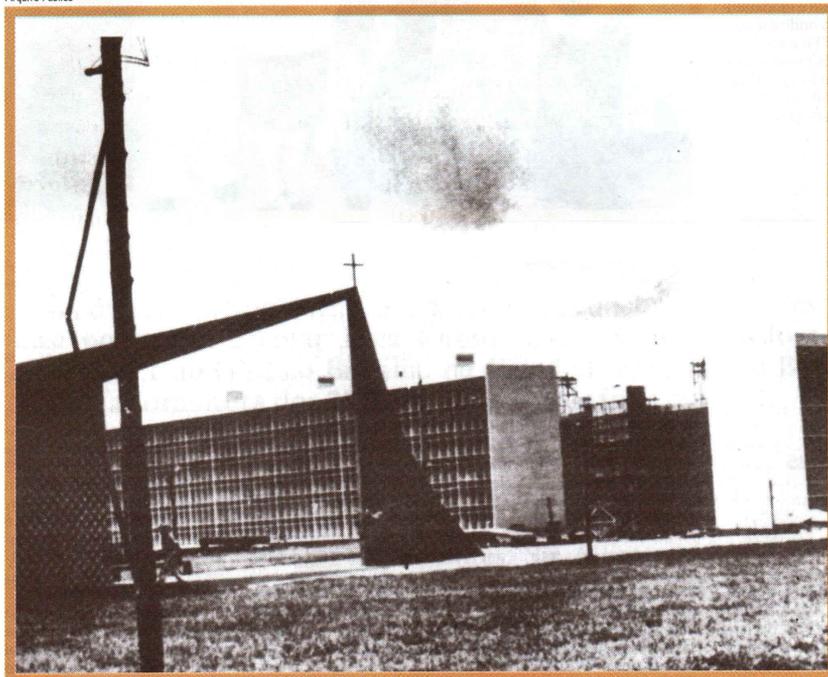
ESPECIAL PARA O CORREIO

A vinda para Brasília mudou a vida do vaqueiro de Flores, pequena cidade do interior de Pernambuco. Francisco Pereira de Lima, mais conhecido por Francisco Chus, que até então nunca havia freqüentado salas de aula e sempre andava armado. Aos 19 anos de idade resolveu sair do Nordeste. Segundo ele, fugido. Como na pequena Flores quase não havia escolas e seus pais não queriam que ele se ausentasse de casa, o jeito foi se mudar para São Paulo. "A escola mais próxima ficava a 18 km", conta Francisco.

Já em Guarulhos, no ano de 1957, o ex-vaqueiro conseguiu trabalho na seção de produção de rações e derivados de farinha na Moínhos Santista. Pouco tempo depois, resolveu trabalhar por conta própria, abrindo uma quitanda.

A descoberta de Brasília aconteceu por acaso, durante uma visita a uns parentes que trabalhavam numa fazenda em Londrina (PR). "Daí voltei para São Paulo já pensando em me mudar para a tal cidade", lembra. Francisco pegou um avião e depois de várias escalas no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Goiânia, ele chegou ao cerrado.

A impressão que ele teve ao desembarcar era a de uma cidade próspera e que poderia lhe oferecer a oportunidade de estudar, trabalhar e conquistar a



FRANCISCO TRABALHOU NAS OBRAS DA 108 SUL ATÉ À SUA CONCLUSÃO

sua independência. "Foi um encantamento", declara.

O respeito e a solidariedade entre os moradores da cidade impressionaram o pioneiro. "Como havia poucas mulheres na região, elas eram tratadas com muito respeito", conta. Segundo ele, era comum os homens se levantarem para ceder o lugar às senhoras dentro dos ônibus ou em outros lugares públicos.

As filas de candidatos à procura de emprego bem como as placas de anúncios fixadas na sede das construtoras oferecendo vagas para motoristas, mecânicos e carpinteiros davam conta da enorme oferta de trabalho existente aqui naquela época. "Quando cheguei percebi que a cidade era o local ideal para se construir o futuro", afirma.

Foi como encarregado de car-

pinteiro na Companhia Construtora do Banco do Brasil — CCBB que Francisco começou a vida no Centro-Oeste. "Eu levei à empresa a identidade, a carteira de trabalho e o atestado de antecedentes e saí de lá empregado", comemora.

Na quadra residencial da 108 Sul, onde orientava o pessoal na construção da laje e das estruturas de madeira, ele trabalhou até

a conclusão das obras. Para entregar tudo no tempo estabelecido, ele e os colegas viravam a noite. "A cada oito horas eu batia o cartão". Quando terminava, ele voltava para o acampamento da construtora, onde dormia, ali na quadra mesmo.

Antes de mudar para o acampamento, Francisco morou durante um mês numa pensão na 1ª Avenida da Cidade Livre

PIONEIROS

Depois de uma passagem por São Paulo, o pernambucano decidiu tentar a vida na capital. Aqui, abandonou a arma, aprendeu a ler e escrever e progrediu profissionalmente

“**ENQUANTO OS DOIS DISCUTIAM, JUSCELINO DESCEU DO CARRO E SUBIU NO CAMINHÃO, DIZENDO PARA O MOTORISTA FICAR TRANQUÍLO QUE ELE ERA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA. NA MESMA HORA, O MOTORISTA, SURPRESO, DESMAIOU**”

FRANCISCO PEREIRA DE LIMA
E
ROZALINA NA
CIDADE DAS OPORTUNIDADES

(Núcleo Bandeirante). “Eu era solteiro e dividia o quarto com o Cícero, um garçom.” No quarto da pensão havia apenas cama e colchão. “Se a gente quisesse um lençol ou algo mais tinha que levar por conta própria”, acrescenta.

O colunista do *Ceilandense* — um jornal comunitário — lembra como se fosse hoje de histórias cômicas como a que aconteceu quando trabalhava na Civilsan —



FRANCISCO, COM A COMPANHEIRA DE TODAS AS HORAS, ROZALINA, NA CIDADE DAS OPORTUNIDADES

Companhia de Saneamento de Água e Esgoto de Brasília. “Juscelino Kubitschek sempre fazia o mesmo trajeto. Saía do Catetinho e pegava a L2”, lembra Francisco. A via ainda estava em obras e havia um trecho considerável de estrada de terra, por coincidência, bem em frente à sede da empresa onde trabalhava. Num belo dia, quando o presidente passava pelo local, o carro presidencial furou o pneu. “O batedor do presidente perguntou então para o motorista do caminhão da Civilsan, que saía naquele momento, se poderia levar um passageiro”. O motorista explicou que não poderia levar nenhum estranho no veículo da companhia. “Enquanto os dois discutiam, Juscelino desceu do carro e subiu no caminhão dizendo para o motorista ficar tranquilo que ele era o presidente da República. Na mesma hora, o motorista, surpreso, desmaiou”, conta.

Lápis e caderno

Segundo explica o pioneiro, na época da construção de Brasília, ou você se dedicava à escola, onde os alunos passavam o dia todo, de manhã e à tarde, ou se desdobrava no trabalho. Francisco achou melhor dividir o

tempo entre o trabalho e o colégio La Salle, no Núcleo Bandeirante. Lá, ele cursou até a quinta série. O sonho do pernambucano virava realidade. Hoje, ao olhar para trás, o sertanejo percebe como foi importante trocar a arma pelo lápis e caderno. “Lá na minha terra eu andava armado e era um analfabeto”, lembra o ex-presidente da Associação de Pais, Alunos e Mestres do Centro de Ensino Médio Ave Branca — CEAB.

Aos poucos, a vida de Francisco foi melhorando. Apaixonado pela leitura, ele tratou logo de arrumar um jeito de trabalhar com os livros. No final de 1960, já rodava Brasília inteira “vendendo cultura e informação”. “Eu vendia livros em todos os lugares públicos e principalmente nos ministérios. As coleções de lombada dourada, a de Monteiro Lobato e Lima Barreto eram as mais vendidas e faziam muito sucesso naquela época”, explica o vendedor da editora Irradiante.

Empolgado com o novo negócio, pouco tempo depois, ele resolve abrir sua livraria, na Comercial Norte, em Taguatinga. O comércio lhe garantiu uma vida financeira mais estável. Porém,

durante a revolução, em 1964, ele sentiu na pele a repressão dos militares. Ele fora proibido de vender livros de capa vermelha.

A paixão pela leitura fez Francisco ir mais além. Hoje ele é crítico e escritor. “Já escrevi cinco livros, mas prometi à minha família que os publicaria apenas depois de completar 70 anos”, afirma o autor de *Visão Social, Minha Vida meu Balaio e Escravagismo Político*.

Casado com a mineira Rozalina, aqui também ele constituiu um patrimônio valioso. Orgulhoso, o avô de 69 anos conta nos dedos a prole. “Tenho nove filhos (três biológicos e seis adotivos) que me deram dezoito netos.” O casamento de Francisco foi realizado em Juiz de Fora, seis anos após a inauguração da capital.

Candidato a deputado federal nas eleições de 2002, Francisco vê a sua mudança para Brasília como um sonho realizado. “Hoje tenho a minha família, todos os meus filhos estudaram e são formados e lancei a minha independência. Sempre quis ser independente e vencer com meu próprio trabalho, e a cidade me proporcionou tudo isso”, afirma.

Raio X

Nome: Francisco Pereira de Lima (Francisco Chus)
Idade: 69 anos
Origem: Flores, Pernambuco
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Ex-comerciante
Estado civil: Casado
Esposa: Rozalina Venzi de Lima
Filhos: Fátima, Eduardo e Helen
Netos: Kelaine, Stefanie, Leandro, Douglas e Arthur
Adoção: Francisco adotou seis filhos, que lhe deram mais treze netos



Glenio Bianchetti

Desenvolvimento das artes e da cultura

BIANCA CHIAVICATTI

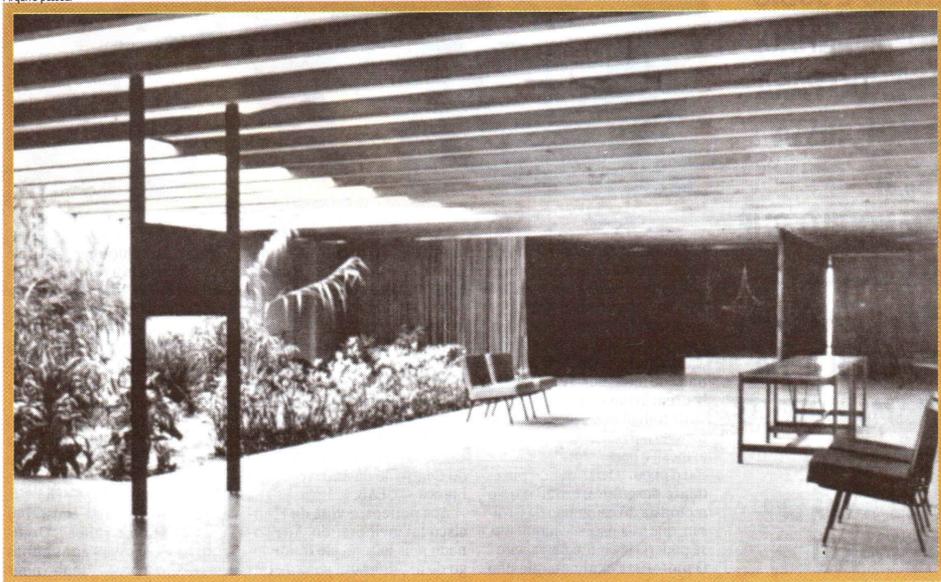
ESPECIAL PARA O CORREIO

A construção de Brasília despertava nos brasileiros que acreditavam na consolidação do projeto de Juscelino Kubitschek a vontade de mudar. Dar início a uma realidade melhor a partir de uma nova capital. A Universidade de Brasília (UnB) nasceu dentro dessa perspectiva de desenvolvimento. Em salas improvisadas na área onde aos poucos a infra-estrutura do campus ia sendo construída, professores e alunos se empenhavam na formação de um sistema de ensino modelo.

O artista Glenio Bianchetti, 76 anos, já tinha uma carreira consolidada em Porto Alegre (RS) e pretendia mudar-se para o Sudeste quando, em 1962, recebeu o convite de Darcy Ribeiro para integrar o corpo docente da UnB. Nesta época, intelectuais e artistas brasileiros de renome, muitas vezes vivendo no exterior, aceitavam o convite de viver no Planalto Central para lecionar no que deveria ser a melhor universidade do país.

Bianchetti daria aulas na Faculdade de Artes, cuja sede ainda estava por construir, e viveria em um apartamento confortável na superquadra 305 Sul. “A imagem que tinha de Brasília, baseada nos comentários das

Arquivo pessoal



peçoas, era de uma mata fechada cheia de índios”, conta. “Mas quando cheguei achei uma cidade viável, que prometia uma nova visão de vida, diferente de todas as que já tinha vivido. Me entusiasmei logo”, recorda-se.

A família do artista já era grande naquele ano. A esposa, Ailema, e os seis filhos viriam depois que Bianchetti se instalasse no Distrito Federal e tomasse conhecimento da nova rotina.

Embaixo das árvores

O campus universitário ainda

era um canteiro com algumas obras. O Minhocão ainda não existia. As únicas construções já concluídas eram a Faculdade de Educação e os alojamentos da Oca — dois blocos grandes de apartamentos para abrigar os professores que ficavam onde hoje está o prédio dos Correios. O gabinete da reitoria ficava em uma sala do Ministério da Educação.

Na UnB, cada professor se virava à sua maneira. Bianchetti, por exemplo, dava aulas de pintura e gravura embaixo das árvo-

res. “As máquinas trabalhavam ao nosso lado e os papéis brancos que usávamos para as anotações ficavam vermelhos de poeira”, conta. “Mas o cotidiano ali era uma efervescência impressionante, todos os dias acontecia algo novo, cientistas brasileiros chegavam da Europa ou de outros estados”, completa.

Aos poucos, as aulas dadas ao ar livre passavam para dentro de barracões de madeira até que as salas de alvenaria fossem concluídas. A rusticidade do ambiente estimulava a criatividade

dos alunos, que também se mostravam interessados em contribuir para criar um exemplo de educação pública para o país.

Mas o aspecto da universidade mudava diariamente, num ritmo acelerado, como Brasília antes

FOI LECIONANDO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA QUE BIANCHETTI PASSOU OS SEUS PRIMEIROS ANOS DE BRASÍLIA

A decisão de sair do Sul já estava tomada, mas o pioneiro nem imaginava vir para Brasília antes do convite de Darcy Ribeiro para integrar o corpo docente da UnB

MESMO DEPOIS DE AFASTADO DAS AULAS NA UnB, BIANCHETTI DECIDIU PERMANECER COM A FAMÍLIA NA CIDADE QUE JÁ HAVIA CONQUISTADO A TODOS

da inauguração. O primeiro prédio a ficar pronto enquanto Bianchetti lecionava na UnB foi o da Reitoria, que não é o mesmo de hoje. A construção do primeiro Instituto de Artes, por exemplo, foi iniciada e concluída em um mês, durante as férias do artista. "Quando viajei para Porto Alegre, no local havia um campo de futebol, e quando voltei, o instituto já estava pronto com a infraestrutura montada", diz.

Moradia boa e barata

Diferente dos funcionários públicos, pois os professores não eram considerados como tais na década de 60, o salário oferecido para lecionar na UnB não era muito melhor do que se pagava no resto do país. Mas a moradia era vendida a preços simbólicos, pagos em parcelas mensais descontadas nas folhas de pagamento.

Antes de receber o imóvel da 305 Sul, Bianchetti foi recebido pelo amigo Santiago Naud, em uma casa na W3 Sul. Um mês depois, quando a família veio com a mudança, o enorme apartamento de quatro quartos já havia sido liberado.

Vários professores moravam na mesma quadra. Fora dos blocos, ainda não havia pavimentação nem os gramados característicos da cidade que hoje ficam entre as quadras. Mas a convivência entre as pessoas era muito próxima e todos sentiam-se responsáveis pelo desenvolvimento da cidade.

Bianchetti lembra que quando a falta de vegetação começou a incomodar, as famílias que habitavam a quadra decidiram tomar a iniciativa de plantar árvo-

res na área por conta própria. As crianças ficavam responsáveis pelos cuidados diários. A família do artista gaúcho viveu na 305 Sul por 20 anos, até se mudar para um terreno no Lago Norte, onde está até hoje.

Com poucas opções de lazer, nos finais de semana nossa diversão era percorrer a cidade de carro para conhecer os arredores da nova capital. Onde houvesse um terreno limpo e uma vista agradável, parávamos para fazer um piquenique. Num destes passeios, o casal encontrou o terreno do Lago Norte onde anos mais tarde, na década de 80, construíram sua nova casa.

"Também éramos sócios de quase todos os clubes que havia aqui, inclusive do Bancrêvea, que ficava em Sobradinho", afirma Bianchetti. "Naquela época, a única coisa de que eu sentia falta era da agitação cultural das outras capitais", completa. O artista conta nunca ter alimenta-

“ NAQUELA ÉPOCA, A ÚNICA COISA DE QUE EU SENTIA FALTA ERA DA AGITAÇÃO CULTURAL DAS OUTRAS CAPITALS ”

do aqui. Para ter contato com as obras de outros artistas, ia com frequência ao Rio de Janeiro, São Paulo e Europa.

Em 1965, após o golpe militar de 1964, Bianchetti e os primeiros professores da UnB foram afastados de suas funções. O sonho de construir a nova Educação do Brasil parecia acabar ali. Muitos deixaram a cidade frustrados com o fato. Bianchetti decidiu permanecer aqui porque a esposa e os filhos já haviam se adaptado à forma de vida da cidade.

Em 1988, Bianchetti foi reintegrado ao corpo docente da universidade, mas não voltou a dar aulas. Nos anos em que permaneceu impedido de lecionar, Bianchetti dedicou-se exclusivamente a sua arte e não se arrepende de ter escolhido Brasília para viver. "A cidade abriu meus horizontes, se tivesse continuado em Porto Alegre, talvez hoje fosse considerado um artista regional", explica.



Raio X

Nome: Glenio Bianchetti
Idade: 76 anos
Origem: Bagé, Rio Grande do Sul
Ano de chegada a Brasília: 1962
Profissão: Artista plástico
Esposa: Ailema Bianchetti
Filhos: Leonardo, Luciano, Lourenço, Leandro, Ângela e Giovana
Netos: Bernardo, Nina, Breno, Ana, Mariana, Júlia, Luísa, Mila, Pedro, Joana, Lúcio, João e Marina

PIONEIROS



Hernani Hilário Fittipaldi

Um amor pela nova capital construído aos poucos

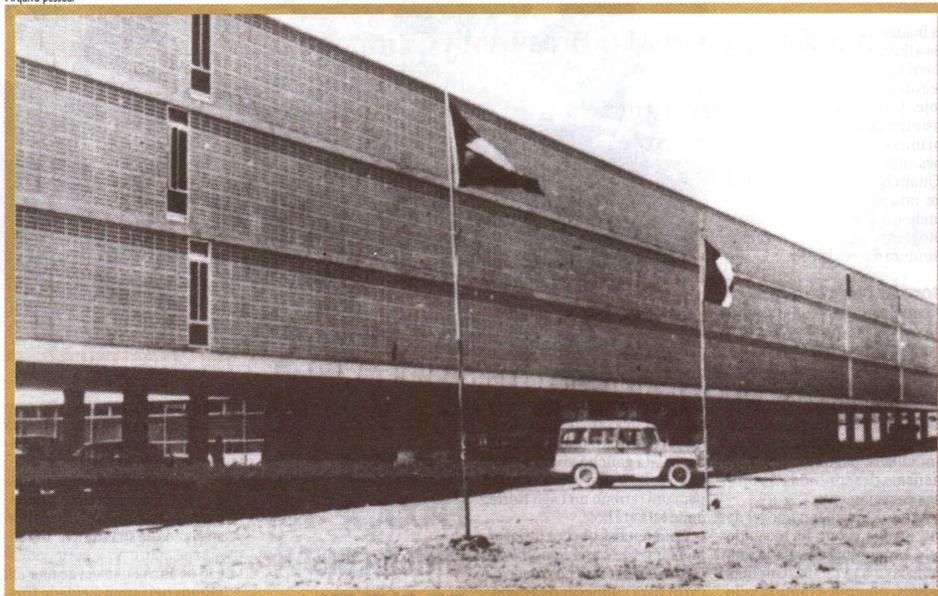
VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

O caso de amor entre Brasília e o pioneiro Hernani Hilário Fittipaldi começou bem antes da inauguração da capital federal, ainda no governo de Getúlio Vargas, e dura até os dias de hoje. O primeiro contato desse aviador, gaúcho de Uruguaiana, com Juscelino Kubitschek se deu quando este ainda era governador de Minas Gerais. Como Getúlio não gostava muito de falar ao telefone, era Hernani, ajudante-de-ordens do então presidente, quem resolvia muitos assuntos pendentes com governadores e parlamentares. Em uma dessas intermediações, o pioneiro sugeriu a Getúlio que apoiasse o nome de Juscelino para a sua sucessão. Além disso, Hernani presenciou aquela que talvez tenha sido a primeira reunião em que se falou da interiorização da capital. “Getúlio e Juscelino conversavam sobre isso antes de 1956. Quando Juscelino ouviu a cobrança de um eleitor em um comício, já havia estudos econômicos sobre a transferência da capital para o interior do Brasil. Não foi uma promessa feita da cabeça dele”, garante Hernani.

Com o suicídio de Getúlio Vargas, Hernani, que era um de seus braços direitos na Aeronáutica, acabou sendo encostado na reserva das Forças Armadas. Mas quando Juscelino assumiu a Presidência, a coisa

Arquivo pessoal



modou de figura para Hernani. “Juscelino me chamou e disse que me mandaria aos EUA para cumprir uma missão importante. Era uma época de dificuldades para Juscelino, pois só a Aeronáutica fez três rebeliões no ano de 1956 e acabou atrasando todos os planos do presidente”, lembra. Dois anos mais tarde, em 1959, estava Hernani de volta ao Brasil e a Brasília, cidade que ele já havia visitado outras vezes, para assumir o posto de relações públicas do Ministério da Aeronáutica. “Como eu tinha

facilidade de conseguir vôos saindo da capital, tive que promover a minha filha mais velha, Lúcia, que a levaria ao Rio de Janeiro todo final de semana até que ela se acostumasse com a cidade”, conta o pioneiro, para quem todos que quisessem partir de avião daqui tinham que pedir autorização.

O progresso da cidade em tão pouco tempo pegou Hernani de surpresa. “É claro que ainda havia muito o que ser feito, mas já existiam muitas construções em estágio avançado e o Brasília Pa-

lace Hotel — primeira morada de Hernani na capital — já oferecia aos visitantes e embaixadores um conforto razoável”, afirma o aviador, que nas primeiras vindas a Brasília teve que pousar seu helicóptero em Anápolis devido à quantidade de poeira no aeroporto improvisado na nova capital.

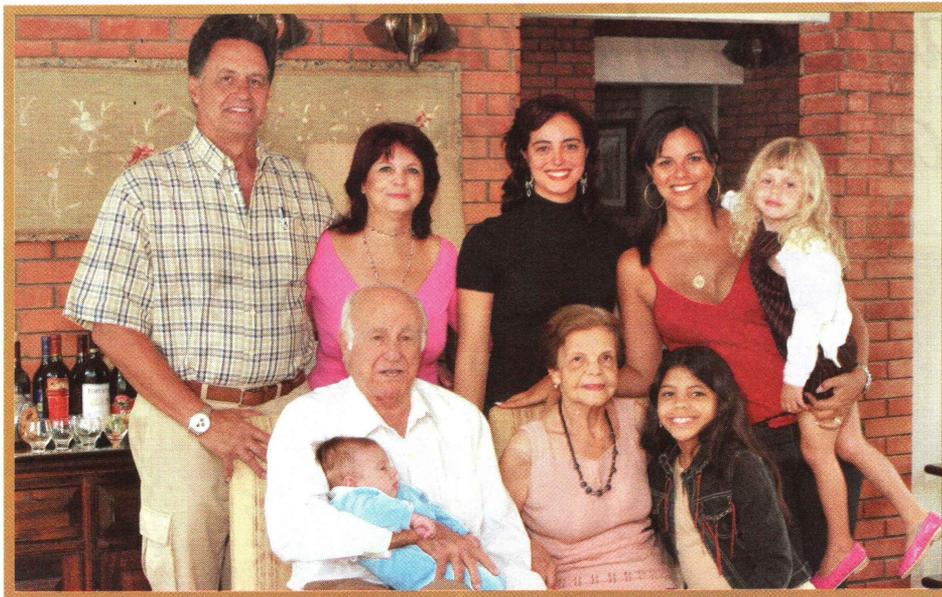
Apaixonado por aviação desde menino — “lembro até hoje do primeiro avião que pousou em Uruguaiana e me encantou logo de cara, despertando em mim o desejo de ser aviador” —,

O BRASÍLIA PALACE
HOTEL FOI O PRIMEIRO
ENDEREÇO DE HERNANI
NA CAPITAL

Hernani não poderia deixar esse verdadeiro vício — no bom sentido, é bom frisar — de lado em Brasília. “Era maravilhoso sobrevoar tanto cerrado. No local onde hoje está o Setor de Embaixadas, voávamos mais baixo para ver melhor os porcos selvagens, pacas e veados que lá habitavam”, conta.

PIONEIROS

Como ajudante-de-ordens de Getúlio Vargas, Hernani participou das primeiras conversas sobre a interiorização da capital entre o então presidente e o governador de Minas, Juscelino



HERNANI, COM A FAMÍLIA, NA CIDADE QUE O CONQUISTOU

Foi justamente por causa de uma dessas viagens que Hernani acabou comprando seu primeiro pedaço de terra na capital. O pioneiro estava no Palácio da Alvorada quando recebeu um chamado do comodoro Sílvio Pedrosa, um dos fundadores do Iate Clube, pedindo para que Hernani fosse de helicóptero buscá-lo na outra margem do Lago Paranoá. O problema é que isso foi em 1959, antes mesmo de o Lago Paranoá estar cheio. "Fiquei sem entender o que ele queria dizer, mas ele falou simplesmente para eu traçar uma paralela e dobrar à direita em tal ponto que eu o encontraria. A orientação deu certo e eu fiquei sabendo onde seria a margem norte do lago", conta o pioneiro, divertindo-se muito com a lembrança.

A beleza do local arrebatou de vez Hernani, que decretou logo: "já que era para eu morar aqui em Brasília, tinha que garantir alguma terra e aquele local era perfeito". Dessa forma foi erguida

“**ERA MARAVILHOSO SOBREVOAR TANTO CERRADO. NO LOCAL ONDE HOJE ESTÁ O SETOR DE EMBAIXADAS, VOÁVAMOS MAIS BAIXO PARA VER MELHOR OS PORCOS SELVAGENS, PACAS E VEADOS QUE LÁ HABITAVAM**”

a primeira casa do Setor de Mansões do Lago Norte, que, por orgulho de seu construtor, está de pé até hoje. "É uma casa simples, feita com sobras de madeira das construções de Brasília, mas é madeira boa, de pinho. Até os móveis foram feitos por mim com jacarandá do cerrado", descreve Hernani, revelando que o segredo para que a construção não desabasse é um banho de 30 dias no óleo queimado. Os móveis de Hernani eram tão bem-feitos que um amigo chegou e perguntou de onde eram. O pioneiro respondeu que eram importados e acabou vendendo os móveis e depois fazendo outros para ele.

A casa tem uma varanda de pedras e cascalhos construída sob medida para que as capivaras que habitavam o lago pudessem ser observadas pelos filhos do pioneiro de forma segura. "Fiz uma marca nas pedras até a cota mil, de onde o lago não deveria passar, e com isso tive uma varanda literalmente à beira do lago", explica.

Mas como a casa era longe do Plano Piloto e era uma época em que os caminhos de Brasília não estavam ainda muito bem traçados, Hernani resolveu voltar para o Plano Piloto, de onde a ida dos filhos para a universidade e a dele próprio para o trabalho ficariam muito mais fáceis.

Depois de mais de 40 anos de Brasília, Hernani se diz um apaixonado pela cidade. "No começo achei que não ficaria por aqui, mas depois me acostumei, fui gostando, e hoje quando saio morro de saudades", afirma o aviador. O pioneiro está escrevendo um livro de memórias no qual conta as lembranças que tem dos trabalhos com Getúlio (em seus dois mandatos), Juscelino e João Goulart, de quem foi colega desde o colégio. A definição dele para Brasília é de uma epopéia. "Como acontece com toda epopéia, Brasília deve ter sua história recontada e refeita por todos nós", finaliza, com ares filosóficos.

Raio X

Nome: Hernani Hilário Pittipaldi
Idade: 83 anos
Origem: Nascido em Uruguaiana (RS), veio do Rio de Janeiro (RJ)
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Aviador
Estado civil: Casado
Esposa: Eunice Dornelles Pittipaldi
Filhos: Lúcia, Sérgio e Mauro
Netos: Rodrigo, Cláudia, Paula, Rafaela, Bruno, Andréa, Eduardo e Adriana
Bisnetos: Maria Vitória, Maria Valentina e Gilberto Salomão Neto

PIONEIROS



José Alberto Couto Maciel

Realização profissional e pessoal no Planalto

Arquivo Pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Brasília representa minha vida.” Essa declaração resume com exatidão o significado da mudança do gaúcho José Alberto Couto Maciel para Brasília. As medalhas e diplomas expostos em seu escritório no Lago Sul remontam uma trajetória de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido na cidade.

Aqui, o advogado — formado pela Faculdade Cândido Mendes do Rio de Janeiro, onde morou desde os cinco anos de idade — construiu uma carreira de sucesso, constituiu família e contribuiu para o crescimento da Justiça do Distrito Federal.

As idas e vindas do estudante a Brasília, antes mesmo de concluir o curso de Direito, eram uma pequena amostra de sua paixão pela cidade, que já tomava forma. A vinda para a nova capital aconteceu em meados de 60, junto com o pai, Anor Butler Maciel, ministro encarregado de fazer a transferência do Ministério da Justiça para cá. Mas, até a formatura, em 1965, ele dividia o tempo entre a Cidade Maravilhosa e o Planalto.

A garra e a dedicação ao trabalho ele herdou da família — os irmãos do pioneiro, Paulo Maciel e Viviane, já davam duro por aqui no dia da inauguração, vendendo souvenirs aos turistas. O jovem ingressou cedo no mercado de trabalho, aos 18 anos de

idade. Após a inauguração da cidade, Maciel foi nomeado redator da Agência Nacional, atual Radiobrás, onde fazia o *Aviso aos Navegantes*. “A notícia chegava às 16h para ir ao ar às 19h na *Voz do Brasil*”, lembra o pioneiro.

Mas o porto seguro mesmo era o Direito. Além de advogar para a Agência Nacional e para a Presidência da República, Maciel trabalhou como assistente do Delegado da W3. Ele lembra como se fosse hoje da época em que faziam prisões e apreensão de uísque no Brasília Palace Hotel. “Havia muita bebedeira

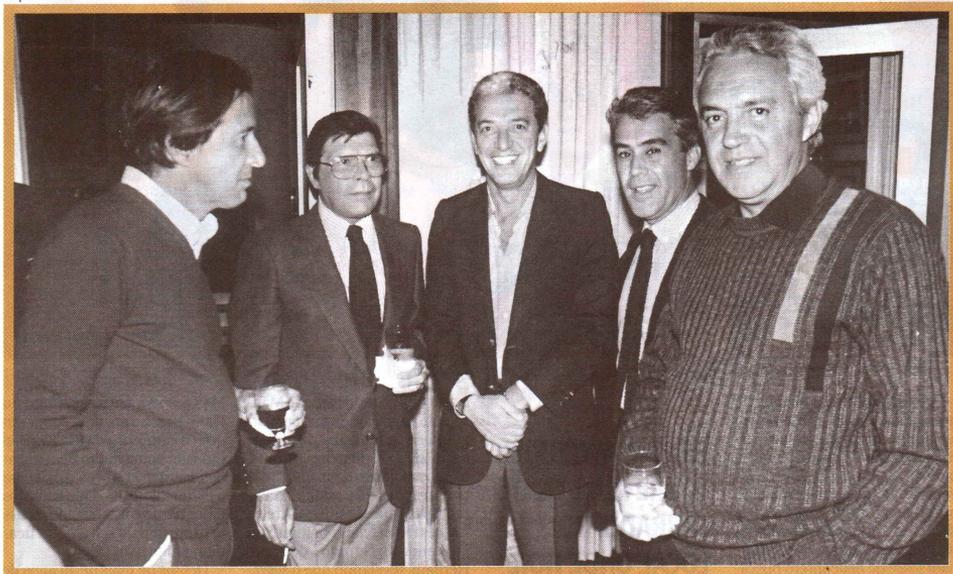
quebradeira na região, principalmente na Cidade Livre”, conta o membro da Academia Nacional do Direito do Trabalho. “Mas, em geral, o clima na cidade era bom. Todos se conheciam e os moradores sempre ajudavam um ao outro”, acrescenta.

A atenção, no entanto, era redobrada à noite. Como a cidade era mal iluminada naquela época, o pioneiro conta que era comum encontrar trabalhadores sentados no escuro em pleno balão, por isso todo cuidado era pouco ao dirigir. “Eles terminavam o trabalho e ficavam sentados lá.”

Quando ainda era solteiro, o advogado morava com o pai na 105 Sul. O único prédio do local, segundo ele. Depois do casamento, ele se mudou para a 208 Sul. “Brasília tinha um clima de cidade pequena, mas era diferente de tudo”, afirma o antigo morador da Avenida Atlântica, em Copacabana.

O ex-presidente do late Clube costumava freqüentar restaurantes famosos como a Churrascaria do Lago e o Mocambo, na W3 Sul, onde o pioneiro apreciava uma deliciosa lasanha que era servida de madrugada.

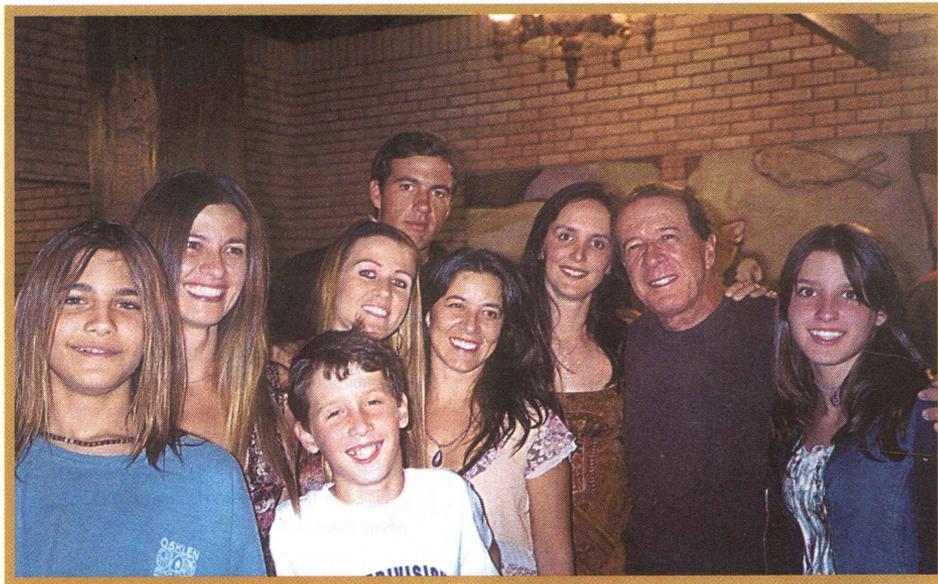
JOSÉ ALBERTO MACIEL (E) COM OS AMIGOS GILBERTO AMARAL, JORGE OLAVO, AFRÂNIO E LUIZ CARLOS NOS ENCONTROS COMUNS DAQUELA ÉPOCA



O Restaurante do Alemão, na Asa Norte, era outro local bastante procurado pelos moradores. “O interessante era que todos tinham que comer tudo, não podia deixar sobras no prato”, lembra Maciel. “Era uma exigência do local.”

PIONEIROS

Quando tinha 19 anos, o pioneiro veio para Brasília com a família, mas dividiu seu tempo entre a nova capital e o Rio de Janeiro até se formar em Direito, em 1965



O SUCESSO
PROFISSIONAL DE
JOSÉ ALBERTO TEM
COMO BASE A
FAMÍLIA

Raio X

Nome: José Alberto Couto Maciel
Idade: 63 anos
Origem: Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Advogado e escritor
Esposa: Mônica Rubino Maciel
Filhos: Adriana, Renata, Bruno, Paula, Manuela e Pedro
Netos: Raissa e Rudah
Títulos: Advogado da Presidência da República; do Banco Nacional de Crédito Cooperativo; da Comissão de Financiamento da Produção e do Ministério do Trabalho; integrou o grupo de trabalho formado pelo Ministério das Relações Exteriores para estudar a situação do trabalhador brasileiro junto aos organismos internacionais; indicado pelo Supremo Tribunal Federal para Ministro do Tribunal Superior Eleitoral e Delegado na 60ª Conferência Internacional do Trabalho em Genebra

Confidências de um general
O secretário-geral da comissão que elaborou a CLT também guarda boas lembranças de um dos representantes da “linha-dura”, o general Costa e Silva. “Ele era uma figura. Certa vez, durante um bate-papo informal num jantar, ele me disse que estava cansado de ser presidente”, comenta.

A experiência de anos de trabalho levou o advogado a abrir — seis anos após a inauguração da cidade — o próprio escritório no edifício Goiás, no endereço mais agitado de Brasília, o Setor Comercial Sul. De chefe de protesto no cartório Maurício de Lemos à Secretaria Jurídica, no Supremo Tribunal Federal, foram anos de trabalho e conquistas.

As várias conferências internacionais das quais o pioneiro participou e o dia-a-dia nos tribunais o levaram a escrever dezenas de livros, entre eles, um *best-seller* sobre questões trabalhistas: *Direito do Trabalho*

ao *Alcance de Todos*, que vendeu mais de um milhão de exemplares. O advogado também é autor de *A Justiça do Trabalho no Brasil*, *Tendências do Direito do Trabalho Contemporâneo* e *Advocacia no Tribunal Superior do Trabalho*.

A poesia também está no sangue do cidadão honorário de Brasília, que traduziu em versos a sua paixão pela cidade no livro *Reflexões Poéticas de Dois Advogados: Meu Pai e Eu*. “Sou feliz porque amo Brasília / sou feliz porque por ela sou amado. / Faça dela minha família / Vivi nela quase todo meu passado.”

Os monumentos arquitetônicos e o céu de Brasília também serviram como fonte de inspiração para o poeta. “Catedral, pontas de concreto dirigindo-se ao criador / céu azul, Brasília, julho, segura, calor / é difícil do cimento inspirar-se a figura de Deus. / É muito cimento, muitos blocos verticais e horizontais, (...) É o espírito de Niemeyer prevalecendo sobre o espírito de Deus.”

“**BRASÍLIA TINHA UM CLIMA DE CIDADE PEQUENA, MAS ERA DIFERENTE DE TUDO**”

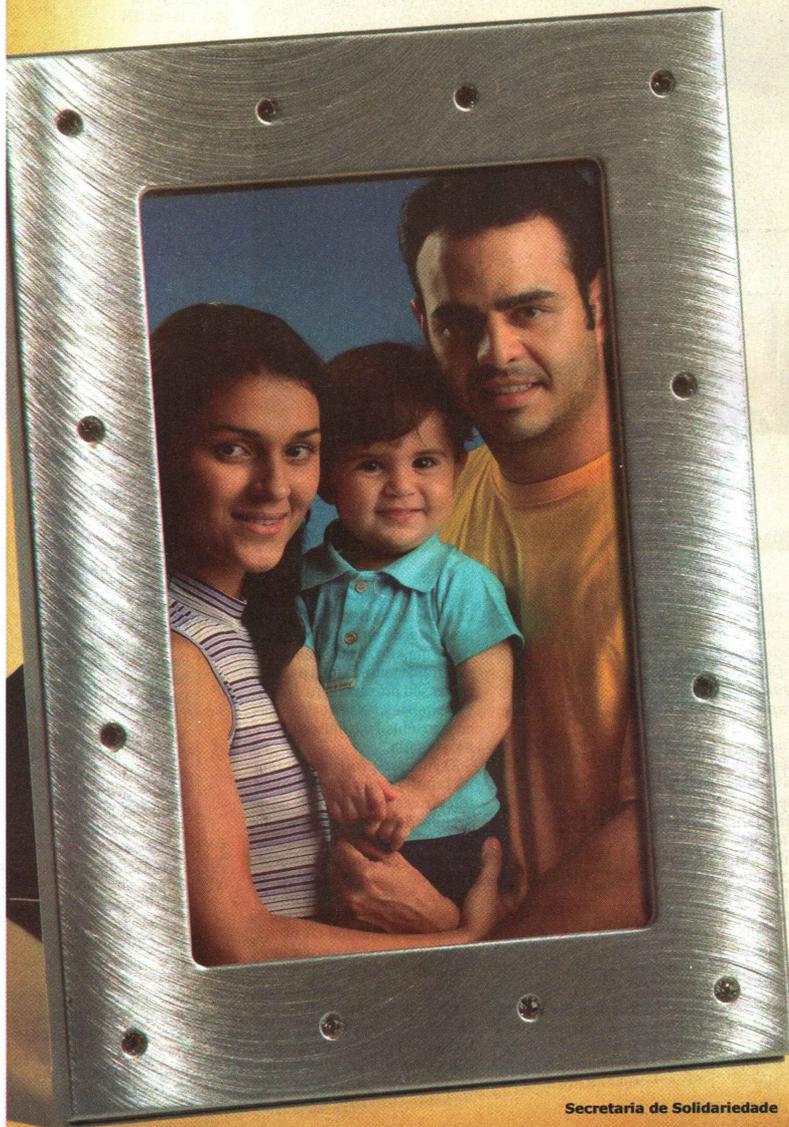
O sucesso na carreira literária acabou levando José Alberto Couto Maciel a ocupar a cadeira 115 da Academia Nacional de Direito do Trabalho. Mas se engana quem pensa que o poeta-advogado encerra por aqui sua carreira. Mesmo trabalhando sete horas por dia em seu escritório no Lago Sul — a Advocacia

Maciel possui mais de 30 anos de atuação em Brasília e tem representação em todos os estados, e mais de 20 mil clientes —, ele arranja tempo ainda para escrever seu próximo livro e praticar esportes. “Nas horas vagas eu jogo tênis, faço musculação e toco bateria.”

O sucesso profissional tem na família a sua base. Em seu terceiro casamento, Maciel se orgulha da esposa e dos seis filhos. Em uma de suas declarações ao *Correio Braziliense*, jornal do qual é articulista, ele já dizia. “É inconcebível imaginar alguém que consiga sobreviver sem a família. Os filhos, sobretudo, são tão importantes em nossas vidas.”

Considerado um dos melhores advogados de Brasília, aos 63 anos, o avô só tem a comemorar pela escolha da nova capital como sua morada e pelas grandes oportunidades de trabalho. “Brasília é uma ilha de oportunidades no campo profissional.”

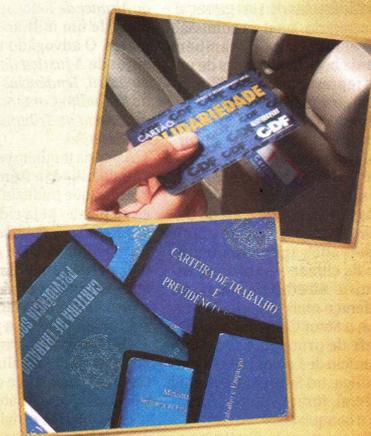
A FAMÍLIA DA FÁTIMA ESTÁ FELIZ COM O RENDA SOLIDARIEDADE. MAS VAI FICAR SATISFEITA MESMO QUANDO NÃO PRECISAR MAIS DELE.



Desempregada e com um filho para criar, a Fátima foi incluída no **Renda Solidarieidade**, um programa do GDF que atende a cerca de 7 mil famílias com uma ajuda de R\$ 130,00 mensais. Mas para receber o benefício, ela precisou atualizar o cartão de vacinação do filho com todos os comprovantes; além disso, o marido se inscreveu numa Agência Pública de Emprego e Cidadania e está freqüentando o curso de operador de micro para melhorar suas chances de entrar no mercado de trabalho. E ela mesma procurou as Oficinas da Solidarieidade, onde já está aprendendo tudo sobre alimentação alternativa. Com o apoio do Renda Solidarieidade e a dedicação aos programas de contrapartida, a Fátima tem fé que sua família nunca mais vai passar dificuldade.

RENDA SOLIDARIEDADE.

BENEFÍCIOS POR UM LADO, CONTRAPARTIDAS POR OUTRO.



Secretaria de Solidarieidade

Agência de
Desenvolvimento Social

